

Poesias musicais na voz da revolução (sem terra)

Em um disco com dez composições, os artistas do MST encontram outro campo para lutar pela justiça social em solo verde e amarelo

Diego Antonelli¹

Não são apenas de bandeiras, marchas, passeatas ou gritos de protesto que a classe subalterna dispõe como armas para gritar aos governantes o desejo pela existência de uma tão sonhada igualdade social. A história brasileira é capaz de mostrar que a manifestação artística pode ser utilizada para tal fim.

Em um atual cenário literário e musical restrito a best-sellers produzidos por celebridades consagradas pela grande mídia e por músicas que tratam de amores frustrados, compostas de melodias e frases simples de decorar, a idéia de se lutar por justiça social parece longe de voltar à tona.

No entanto, em um passado recente, dentro do solo brasileiro, cantores e compositores como Chico Buarque, Belchior, Caetano Veloso e Gilberto Gil faziam da música uma forma de protesto contra os avanços irredutíveis da opressão do Regime Militar (1964-1985). E em épocas ainda mais atuais, mais precisamente na década de 1980, músicos como Cazuza, Lobão e Renato Russo mostravam, em determinadas composições de rock, as diferenças sociais persistentes em pulsar na sociedade verde e amarela.

Talvez inspirados nestes nomes do cenário musical do país, 14 membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) decidiram gravar um disco com sonoridade basicamente “caipira”, formado por letras que, em sua maioria, fazem um sincero apelo ao respeito ao próximo e, principalmente, à igualdade entre as classes.

Fruto de uma oficina de música e poesia organizada por membros do movimento, o disco foi compilado e gravado entre os dias 25 de agosto e cinco de setembro de 2006, na Escola Milton Santos, de Maringá (cidade da região norte do estado do Paraná). Sob a alcunha “Reflexos da Terra”, a produção faz jus ao nome.

Há tanto reflexão a respeito dos temas tratados quanto músicas que podem ser compreendidas como um reflexo e um desabafo do modo de vida dos trabalhadores que residem no campo. Outro detalhe que merece ser apontado são as dez músicas do disco que

¹Diego Antonelli é jornalista graduado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e, atualmente, trabalha como repórter no jornal Diário da Manhã, de Ponta Grossa (PR)

correspondem a textos de poesia ou de prosa entoados pelos próprios “trabalhadores-artistas”.

Todas as composições são acompanhadas por viola e violão, em homenagem a sonoridade da música raiz ouvida pelos homens do campo, com letras instigantes e provocativas ao cenário social díspar entre as diferentes classes. A primeira letra, “Forjando a Revolução”, faz menção a um dos atos mais praticados a fim de pôr em voga a realidade desigual – a marcha. Narrando o “povo seguindo em fileiras”, o coro de vozes masculinas e femininas que se deve viver “o real sem engano”. Ou seja, é necessário encarar a dura vida não-ficcional, sem desistir de lutar por seus ideais e princípios almejando o sonho da transformação social.

Talvez uma das canções mais densas e revolucionárias do CD chama-se “Um projeto a construir”. Um desabafo acerca do despotismo de uma (grande) parte da classe burguesa da sociedade. No canto, ao inventarem a burguesia, “inventaram um Império de poder” que deve ser derrotado. Segundo a música, na organização da classe trabalhadora o principal obstáculo a ser vencido são os burgueses, já que a “nossa principal tarefa, burguesia destruir”.

Ainda nesta faixa do disco, há o pedido para que as diferenças entre a classe sexual sejam extintas e homens e mulheres colaborem juntos na construção de um projeto popular. Esta, sim, “é a revolução do povo trabalhador”, como diz a própria música.

Na “Grito dos Trabalhadores”, os músicos do Movimento também aproveitam para fazer um sincero apelo para a concretização de uma reforma agrária justa e decente. Para eles, é dessa forma que será dado mais um passo em busca da soberania popular e da justiça social.

A preocupação dos “cantores-poetas-trabalhadores” não se restringe tão somente a luta pela igualdade. Na quarta canção de “Reflexos da Terra”, denominada “Infância”, é a vez das crianças serem protagonistas do texto. Em um mundo onde prevalece a ilusão sem piedade, “a semente do novo amanhecer” são as crianças brasileiras que possuem a probabilidade de alterar o rumo sócio-econômico do país.

Entretanto para que a possibilidade seja concretizada é essencial que as crianças cresçam “em um mundo em que a maldade não pode prevalecer”. Com isso, há um pedido explícito para que a paz possa superar as pequenas e diversas guerras civis que insistem em se espalhar pela nação.

Há também duas canções que narram fragmentos do modo de vida campestre. Uma conta a vida de quem vive lá e a outra de quem já viveu. A primeira corresponde a “Camponês na Roça”, única música em que a voz é somente feminina. Esta canção corresponde a um conto cantado, acompanhado por leves acordes de viola caipira.

Relata toda a rotina de um dia de certo trabalhador da terra. Desde seu despertar através do canto de um “galo afinado” a ida do camponês à roça carpindo e cuidando das plantações. Já a segunda música é “Saudade”. Nela é relatada a vida de milhares de pessoas que foram expulsas de suas terras pelos “patrões”. Sob a visão de um filho que vê a mãe passar o café e o pai ir até às plantações, o menino afirma que toda vida foi mudada quando o patrão apareceu e mandou-os embora. E foi assim que “acabou a felicidade”. Uma balada triste e comovente que traz a dura realidade de um povo, atualmente, sem-terra.

A desorientação de músicos contemporâneos que insistem em “trabalhar” para ganhar rios de fortuna parece não ter perturbado os artistas do MST, que se orgulham de entrar na cena midiática por alguns instantes para seguir com os passos da revolução em outras esferas.

O cotidiano desigual permanece sendo usado como matéria-prima da arte de se protestar, em um desejo ardente e incansável para assistir a um bombardeio de paz e igualdade em solo brasileiro, já que, como diria o revolucionário Ernesto Che Guevara, “cada povo que se liberta é uma etapa ganha da batalha pela libertação de seu próprio povo”.

Ficha Técnica da Obra:

CD: *Reflexos da Terra*

Técnico de Gravação e Produtor: Luis Gasparovic

Gravado na escola Milton Santos (Maringá – PR), em 2006

Músicos, trabalhadores e poetas: Araidés Duarte da Luz, Dirceu Vieira, David Jesus Lemos, Edson Fortunato, Silvío Marques dos Santos, Ezequiel Nascimento, Giliard de Oliveira, Leonel dos Santos, Adriano Júnior de Jesus, Rodrigo das Neves dos Santos, Bruno Henrique da Silva, Denílson Teodoro, João Paulo dos Santos, Márcia Alves Araújo.